



Resenha

Feminismo em comum: para todas, todes e todos

Marcela de Maria Sehn Fonseca*

Resenha de:

TIBURI, Marcia. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. 126p



* Cursou Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009) e atualmente é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Teologia pela Faculdades EST. Contato: marcela.socio@gmail.com

A filósofa Marcia Tiburi é, hoje, uma das vozes mais populares do feminismo brasileiro. Doutora em filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1999, Tiburi tem se destacado por levar o debate acerca de temas da filosofia e do feminismo para espaços não tradicionalmente acadêmicos. Sua participação em um programa de debate entre mulheres num canal fechado de televisão por cinco anos (2006-2011)¹ contribuiu com sua popularidade e, como descreve no livro resenhado, com sua construção como feminista.

O livro *Feminismo em comum: Para todas, todes e todos* não pretende ser uma obra de aprofundamento de teorias ou de história do movimento feminista. Em diversos momentos do livro, Tiburi advoga a adoção de um feminismo radical, baseado no “desejo por democracia radical voltada à luta por direitos daqueles que padecem sob injustiças que foram armadas sistematicamente pelo patriarcado” (TIBURI, 2018, p. 12), como explica no segundo capítulo. A obra é, assim, um convite a todas, todes e todos para que compreendam os principais pressupostos do feminismo e sua luta contra as injustiças perpetradas pela estrutura patriarcal. Os 17 capítulos apresentados de maneira breve versam sobre as principais temáticas que envolvem o feminismo contemporâneo.

O primeiro capítulo, *Feminismo Já!*, dá o tom do livro: o feminismo desperta amor e ódio, movimento teórico e político, e a autora convida quem lê a se perguntar sobre as motivações dessas reações. Eis um questionamento salutar no atual contexto brasileiro, em que há o recrudescimento de direitos sociais conquistados e o avanço conservador ante a temática; vide projetos de lei como o “escola sem partido”, que busca extinguir a discussão sobre gênero e sexualidade nas escolas. Como explica a autora neste livro, é preciso “retirar o feminismo da seara das polêmicas infundáveis e enfrentá-lo como potência transformadora” (TIBURI, 2018, p. 8).

Pensar o feminismo como potência transformadora da sociedade é o tema do capítulo 2 – *Pensar o feminismo*. Tiburi chama a atenção para a necessidade do constante movimento autocrítico como método de análise. O feminismo discute as bases patriarcais em que a sociedade está estruturada e, nesse sentido, “o feminismo nos leva à luta por direitos de todas, todes e todos” (TIBURI, 2018, p. 11). O uso da vogal e em todes é uma importante reflexão de linguagem trazida na obra: o seu emprego demarca o questionamento acerca da estrutura binária e heteronormativa no qual está baseada a sociedade patriarcal. Ao mesmo tempo, a utilização dessa grafia possibilita a inclusão de leitura para pessoas com deficiência visual, já que grafias que substituem os artigos o e a por x ou @ não são identificadas por aplicativos de leitura

¹ O programa no qual a filósofa participou é o *Saia Justa*, que se propõe a um debate semanal de temas variados, exibido pelo canal por assinatura GNT filiado a à rede Rede Globo. O programa está a há 15 anos no ar e, inicialmente, a proposta era ser um programa de debate sobre temas diversos formados apenas por mulheres com diferentes formações. Atualmente, compõem a equipe de debate também homens. Marcia Tiburi participou durante 05 anos da atração, entre os anos de 2006 e 2011. A sua participação foi marcada por “polêmicas” e a popularizou como figura pública. Disponível em <http://gnt.globo.com/programas/saia-justa> - Acesso em 02 de junho de 2018.

utilizados por essas pessoas. Além disso, na utilização desses três termos a autora explica um dos eixos de luta do feminismo:

Todas porque quem leva essa luta adiante são as mulheres. Todesk porque o feminismo liberou as pessoas de se identificarem somente como mulheres ou homens e abriu espaço para outras expressões de gênero – e de sexualidade – e isso veio interferir no todo da vida. Todos porque luta por certa ideia de humanidade (que não é um humanismo, pois o humanismo também pode ser um operador ideológico que privilegia o homem em detrimento das mulheres, dos outros gêneros e, até mesmo, das outras espécies) e, por isso mesmo, considera que aquelas pessoas definidas como homens também devem ser incluídas em um processo realmente democrático, coisa que o mundo machista – que conferiu aos homens privilégios, mas os abandonou a uma profunda miséria espiritual – nunca pretendeu realmente levar à realização. (TIBURI, 2018, p. 11-12).

No capítulo 3 – *Somos todas trabalhadoras* –, a escritora explica como o feminismo surge no contexto do capitalismo ocidental e como a exploração do trabalho de corpos subjugados é uma das características desse sistema. Essa reflexão liga-se ao argumento de que o trabalho é uma questão diretamente ligada à categoria de gênero. A autora demonstra que apenas com o advento do feminismo, enquanto movimento e teoria, o trabalho das mulheres passou a ser tema de análise. A condição de serviçais responsáveis pelos trabalhos domésticos, ao qual as mulheres ao redor do mundo estão sujeitas desde sua infância, é um dos problemas levantados apenas a partir do feminismo. A autora utiliza a expressão “*escravas do lar*” (TIBURI, 2018, p. 14) para explicar como a ideologização do amor devocional à família prende as mulheres a uma realidade de servidão e culpabilização. Ao final do capítulo, Tiburi debate acerca da construção de identidades e da importância do feminismo como possibilidade de construção identitária de “*autorreconhecimento*” (TIBURI, 2018, p. 22) que possibilita uma nova lente que permite enxergar e conviver com o outro.

O capítulo 4, intitulado *Autocrítica: O feminismo para além do medo e da moda*, começa com a proposta de uma análise crítica acerca do feminismo, especialmente para quem o tem como forma de estar no mundo. Sendo o feminismo um ideal que desconstrói verdades ditas universais e essenciais, é preciso a constante autocrítica para que este não se torne uma mercadoria. A ridicularização do movimento, sofrida por diversas pessoas que aderem ao feminismo, é uma resposta ao fato de o feminismo nem sempre poder ser encaixado enquanto mercadoria: “Sabemos que o sistema econômico e político de nossa época, ao qual damos o nome de capitalismo, precisa transformar em excrecência e inutilidade tudo aquilo que o ameaça” (TIBURI, 2018, p. 27). O capítulo também lida com a necessidade de trabalhar o feminismo de forma transversal em intersecção com categorias como classe, raça, sexualidade e outros marcadores de opressão.

O resgate e a importância da história de todas as mulheres de todos os tempos é trabalhado no capítulo 5 – *O feminismo é o contrário da solidão*. Tiburi resgata uma filósofa medieval (Christine de Pizan) para trabalhar com a ideia de que o feminismo é, há muito tempo, um ideal utópico: “A utopia feminista fala de um outro mundo possível, em que ser mulher não significa ser destinatário de todo tipo de violência. Não devemos negligenciar que, no patriarcado o destino das mulheres é a violência” (TIBURI, 2018, p. 32). A autora também resgata a história de sua mãe, de sua tia e de sua avó para refletir sobre a realidade de mulheres que viveram suas vidas dedicadas ao espaço doméstico, subjugadas à servidão de um sistema patriarcal baseado em relações de poder verticalizadas no qual homens são superiores a mulheres. A partir dessa linha de pensamento, chega à reflexão acerca da sexualidade e, principalmente, ao uso dos corpos das mulheres. A ideia de que os corpos das mulheres, sua sexualidade, seus direitos reprodutivos, pertencem a elas mesmas é uma afronta ao sistema patriarcal.

O capítulo 6 – *Da misoginia ao diálogo* – utiliza-se de uma experiência familiar da autora:

Meu avô espancador, vítima e repetidor do patriarcado, era mais um desses sacerdotes da misoginia que vemos por aí pregando em palavras e atos. A misoginia é o discurso de ódio especializado em construir uma imagem visual e verbal das mulheres como seres pertencentes ao campo do negativo (TIBURI, 2018, p. 39).

O termo negativo aqui significa aquilo que “está fora do poder” (TIBURI, 2018, p. 39). A misoginia estabelece relações de não confiabilidade entre mulheres, mantendo a sustentação hierárquica entre homens e mulheres. Assim, como afirma Tiburi (TIBURI, 2018, p. 40), o feminismo é um “contra-dispositivo” que visa desativar o “poder da dominação masculina patriarcal”. A concepção de dispositivo trabalhado pela autora é a de Michel Foucault, pensador segundo o qual dispositivo é um arranjo. O patriarcado é um dispositivo de poder “feito de ideias prontas inquestionáveis, de certezas naturalizadas, de dogmas e de leis que não podem ser questionadas, de muita violência simbólica e física, de muito sofrimento e culpa administrados por pessoas que têm o interesse básico de manter seus privilégios de gênero, sexuais, de raça, de classe, de idade, de plasticidade” (TIBURI, 2018, p. 40). A autora demonstra como o feminismo é libertador também para homens desvinculando-os dos seus papéis de gênero opressores e violentos. O patriarcado sustenta e favorece homens brancos (“o que chamo de homem branco é apenas uma metáfora do poder, do sujeito do privilégio, da figura alicerçada no acobertamento das relações que envolvem os aspectos gênero e raça, sexo e classe, idade e corporeidade” (TIBURI, 2018, p. 41)). Essa explicação é fundamental para não cair em reducionismos equivocados acerca da relação do feminismo com os homens.

“Os homens produziram discursos, apagaram os textos das mulheres e se tornaram os donos do saber e das leis, inclusive sobre elas. Tudo o que sabemos sobre as mulheres primeiro



foi contado pelos homens” (TIBURI, 2018, p. 48). Esse trecho compõe o sétimo capítulo intitulado *O feminismo e o feminino*. A partir da análise acerca da misoginia, é possível compreender o ódio às mulheres sustentado no patriarcado. A autora resgata a relação histórica entre patriarcado e misoginia, desde o sacrifício de jovens mulheres na antiguidade grega até o feminicídio, fato social com índices alarmantes na sociedade brasileira, por exemplo. E a docilização e submissão dos corpos das mulheres é parte intrínseca deste fenômeno, como reitera. O discurso misógino sustentou e sustenta ao longo da história a perseguição às mulheres que questionam algum aspecto relacionado à estrutura patriarcal. Assim, a autora chega ao termo feminino: “Para docilizar as pessoas marcadas como mulheres, foi inventado o feminino. O feminino é o termo empregado para salvaguardar a negatividade que se deseja atribuir às mulheres no sistema patriarcal” (TIBURI, 2018, p. 50). Há, assim, um abismo antropológico e filosófico entre feminismo e a ideia (travestida de uma aura neutra e essencialista) de feminino.

O capítulo 8 – *Lugar de fala e lugar de escuta* – trata de um debate extremamente atual entre os movimentos sociais e as teorias sobre estes: a legitimidade das falas produzidas a partir do lugar ocupado por suas interlocutoras e seus interlocutores. O capítulo é subdividido em duas sessões: “Lugar de fala” e “Lugar de escuta”. Lugar de fala é um tema contemporâneo, explicita o caráter dialógico e plural do feminismo e tem nas abordagens interseccionais sua principal representação. A fala é um ato político e de poder e, por isso, tão importante debater esse lugar. A dialogicidade que a autora destaca é a capacidade de nos solidarizarmos com a dor, a luta desse outro, outra, outre. Ao estabelecer uma disputa por um lugar de fala, destaca-se a necessidade de que este lugar seja ocupado por muitas e diferentes vozes. A luta aqui é por direitos sociais e não individuais. Lugar de escuta: Quem fala precisa de escuta. Essa relação como processo político é urgente, chama a atenção Tiburi. Fala e escuta constituem uma relação política que gera tensionamentos e disputas. Problematizar o lugar de escuta já tensiona os privilégios e as hierarquias criadas pela hegemonia do lugar de fala e, por isso, é um processo fundamental.

O capítulo 9 – *Ideologia Patriarcal* – afirma que o sistema patriarcal é tão naturalizado que o termo patriarcado gera estranhamento a muitas pessoas. Pensando sobre os lugares sociais a que estamos destinados e destinadas a ocupar, a autora mostra que o feminismo pensa no acesso aos direitos de forma ampliada. Problematiza a suposta independência econômica conquistadas por mulheres inseridas no sistema capitalista que permanecem com sua força de trabalho e corpos explorados. Ser feminista necessariamente implica na luta pela mudança da sociedade, argumenta Tiburi. E essa mudança está ligada a direitos de mulheres que formam a classe trabalhadora, porque o conceito de classe não pode ser ignorado enquanto categoria inserida no patriarcado. Tanto o capitalismo quanto o patriarcado formam um imbricado processo que transforma seres humanos em corpos medidos por seu valor de uso.

No décimo capítulo, *Direito de ser quem se é*, o feminismo é trabalhado sob a perspectiva de que este é também uma postura ético-política. Essa postura refere-se à fala e à escuta de pessoas que historicamente foram oprimidas, como as mulheres, as pessoas negras, as pessoas não heteronormativas, grupos identitários minoritários etc. O feminismo desvela os mecanismos que envolvem categorias como gênero e sexualidade, sendo abraçado por pessoas que não se encaixam em padrões heteronormativos patriarcais. A autora resgata como o conceito de gênero tornou-se uma categoria de análise conhecida a partir da década de 1970 e como, ao longo do tempo, essa categoria foi “demonizada” (TIBURI, 2018, p. 74), sendo utilizada fora do contexto adequado. Assim, teorias feministas e pesquisas sobre gênero passam a ser taxadas de “ideologias de gênero”, subvertendo o próprio caráter desconstrutivista que o feminismo propõe com relação a essa categoria. A autora alerta para o perigo desses movimentos demonizadores e destaca a violência epistemológica que tem ocorrido como forma de permanência do patriarcado, pois “todo autoritarismo tem sua episteme, as palavras que são manipuladas” (TIBURI, 2018, p. 75).

Mulheres e feministas: O problema da identidade, capítulo 11, trata do processo histórico no qual as mulheres foram invisibilizadas e da luta pelo direito a autoimagem como uma forma de desconstrução da sujeição sofrida por mulheres e outros grupos identitários. Termos como escravo, escrava, mulher, feminista são marcações do patriarcado, marcas que estabelecem corpos subjugados. O termo feminismo, como explicitado no texto, foi utilizado em séculos anteriores ao movimento e sempre com teor pejorativo. Neste capítulo, a ruptura e a importância do movimento feminista negro como novo paradigma são destacadas, porque “a luta das mulheres é uma luta de trabalhadoras antiescravagistas, porque são trabalhadoras menosprezadas nas corporações e na vida pública e são escravas do lar” (TIBURI, 2018, p. 84). Termos, em sua origem pejorativos, como mulher, negras e negros, escravas e escravos, entre outros, são ressignificados como ato político pela luta por direitos e cidadania.

Porque a luta feminista começou com as mulheres, muitas pessoas acreditam que elas são as únicas que podem ser feministas. Mas ser mulher e feminista não são identidades naturais, e sim denominações históricas e identidades construídas, então as coisas não são bem assim. Se Beauvoir tem razão e ninguém nasce mulher, mas se torna, é possível dizer também que ninguém nasce feminista, mas se torna. Quem se autocompreende como mulher e quem se autocompreende como feminista? (TIBURI, 2018, p. 89)

O capítulo 12, intitulado *As potências do feminismo: Da ético-político à poética-política*, trata da relação entre política e ética. O texto argumenta que o feminismo é uma ação poética-política na medida em que convida a reinventar as práticas políticas e reinventar o conceito de indivíduo. Novamente destaca a invisibilidade das mulheres na história como uma das principais características do patriarcado e como isso resulta na negação destas em ocupar espaços de

poder e na conseqüente falta de representação de mulheres em espaços de poder. As mulheres precisam falar de si mesmas em todos os espaços, seja nas artes, na religião, na política. “Por isso é que todas as feministas, de um modo ou de outro, quando escrevem, falam de si mesmas. Aprenderam que o feminismo lhes devolve a biografia roubada. Nesse sentido, o feminismo tem como base ético-política a construção de si, que deve dar às mulheres outro lugar, no campo das decisões” (TIBURI, 2018, p. 94).

O capítulo 13, *Ser feminista: relatar a si mesma*, resgata a trajetória da autora em seu processo de se entender enquanto ser demarcado como mulher e como passou a se declarar feminista. É realizada uma reflexão de como o feminismo passou de uma categoria de análise para um marcador de luta na experiência de vida da filósofa. Sua trajetória de formação acadêmica na filosofia possibilitou a Tiburi compreender como funciona a estrutura patriarcal e como esta marca os corpos de mulheres como seres invisibilizados e subjugados. Mas, conforme conta, foi só a partir de sua experiência, especialmente em um programa televisivo chamado *Saia Justa*,² que a autora se apropriou e adotou a identidade feminista.

O capítulo 14, *A violência e o poder*, discute sobre as bases para a separação entre público e privado, natureza e cultura, gêneros e classes. Essa estrutura é baseada na filosofia grega e perdura em nossa sociedade ocidental cristã. Essa separação estabelece o espaço público como o espaço do poder e o espaço privado como esfera de serviço, que vive sob a ordem da violência. Esse arco argumentativo é utilizado para tratar do tema da violência doméstica, uma das mais importantes lutas do feminismo. O capítulo encerra chamando as mulheres à luta contra a violência patriarcal. Nessa parte do texto, a autora deixa evidente sua posição política frente ao contexto sociopolítico dos três últimos anos no Brasil, o trecho é longo, porém acredito ser necessário reproduzi-lo na íntegra:

Quando um presidente golpista da República, em um 08 de março, fez seu comentário infeliz relacionando mulheres e economia doméstica, num tom que transitava do desconhecimento de economia ao desconhecimento da vida das mulheres, podemos pensar que ele falava como um homem muito antigo, como um ignorante quanto à luta das mulheres por direitos, quanto à vida das mulheres como trabalhadoras, como profissionais, artistas, etc.? As mulheres vivem em nossa época apenas como donas de casa, na visão daquele homem antigo. Contudo, não se trata apenas disso.

Como representante do culto da ignorância machista, a fala do presidente do Golpe é estratégica. Se, de um lado, podemos supor uma tentativa de mistificação das massas de mulheres que de fato são também donas de casa – fingindo que elas são principalmente isso, que não são trabalhadoras e profissionais nas mais diversas áreas –, de outro, vemos ressurgir a velha esperança do machismo: de que as mulheres fiquem em casa a esperar sentadas, que não entrem na política, muito menos com a consciência política à qual damos o nome de feminismo (TIBURI, 2018, p. 111).

As chamadas minorias, ao se apropriarem de marcações infligidas pelo patriarcado e se

² O livro não se atém a maiores detalhes sobre este programa televisivo. Para maiores informações acerca do programa ver nota de rodapé 01 da presente resenha.



afirmarem identitariamente, alcançaram posições políticas. Esse é o tema do capítulo 15 chamado *Minorias políticas, lugar de fala e lugar de dor: a questão do diálogo em nome de direitos*. Termos utilizados para nomear pessoas subjugadas ou preteridas do sistema patriarcal tornam-se categorias políticas de luta, e a apropriação desses termos por grupos ditos minoritários implica necessariamente em luta pelo poder. Desse modo, a expressão *lugar de fala* é novamente utilizada como importante reflexão ético-política, posto que pensar sobre o lugar de fala passa pelo reconhecimento da existência do outro, da outra, de outre. Não é um processo autoritário, mas dialógico. A autora usa ainda a expressão *lugar da dor* como vivência individual, experimentada, para afirmar que, diante da dor do outro, da outra, de outre, apenas podemos ocupar o lugar de escuta. A marcação envolve dor. Ser marcada como mulher, negro, gay, envolve dor e essa dor deve ter lugar de fala e espaço de escuta.

Em *Política da escuta*, Tiburi segue o mesmo raciocínio iniciado no capítulo anterior. No contexto de disputas por lugares de fala, afirma que a escuta é fundamental. A autora reposiciona o espaço para o homem no campo do movimento feminista: um homem branco heterossexual, sujeito de privilégios, pode contribuir com a luta feminista ao ocupar o lugar de escuta. Argumenta, assim, que na prática do feminismo radical não deve haver hierarquia de opressão, não deve haver hierarquias de luta.

No último capítulo do livro, *Pensar juntas, juntas e juntos: Por um feminismo em comum*, a crença no feminismo como proposta para a construção de um mundo melhor é reafirmada. Marcia Tiburi encerra a obra com um convite para trilhar esse caminho de teoria e luta:

O feminismo é o campo teórico e prático que pode construir uma política com outros referenciais: a natureza, o corpo, o cuidado, a presença, a vida digna. Escrevo pensando em termos ecologistas e acreditando que o ecofeminismo, como reconhecimento de nosso lugar na natureza e mote da construção política, é o futuro que devemos conquistar (TIBURI, 2018, p. 124).

Esse livro, embora não aprofunde as teorias e os diferentes aspectos da história do feminismo, traça um importante panorama para as pessoas que querem iniciar seus conhecimentos acerca dessa proposta política, filosófica e radical. Plural em sua história e demandas de luta, o(s) movimento(s) feminista(s) têm em comum a luta pelo fim da subjugação de seres humanos marcados como mulheres. Vivemos em um cenário mundial no qual políticas públicas e direitos civis têm sido ceifados e, não por coincidência, as pessoas mais atingidas são aquelas que feminismo busca visibilizar e pelas quais luta. E, exatamente, por questionar e desconstruir essa lógica perversa é que o feminismo é tão perseguido e estereotipado. Portanto, esse livro de Tiburi é um convite a conhecer o feminismo. Mas não só: trata-se de um convite a se juntar àquelas e àqueles que acreditam que um outro mundo é possível.

[Recebido em: julho de 2018/
Aceito em: julho de 2018]